

## USOS E DISCURSOS DOS TESTES DE ANCESTRALIDADE NAS REDES SOCIAIS: ANÁLISE INICIAL

ISMAEL SANTOS DOS SANTOS<sup>1</sup>; TAÍS CASTRO GARCIA<sup>2</sup>; CÉSAR AUGUSTO FERRARI MARTINEZ<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – ismael.santos0017@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – taisgarcia0111@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – cesarfmartinez@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

O teste de ancestralidade genética consiste na coleta do DNA dos usuários pelas empresas e posterior correlação de marcadores genéticos com determinadas populações - definidas pelas próprias empresas. Segundo dados da empresa GENERA (2020), uma instituição que comercializa testes de ancestralidade genética desde 2015, foi apenas em 2019 que seu produto se tornou popular no território brasileiro. Segundo eles, em 2019 suas vendas aumentaram em torno de 14 vezes nas vendas entre janeiro e dezembro que do ano posterior a 2018, isso demonstra que o interesse do público brasileiro em relação a ancestralidade cresceu. Conforme Gaspar Neto e Santos (2011, p. 230) colocam, “na quase totalidade dos casos, essas empresas apresentam seus produtos como revelações que permitirão a um indivíduo, uma família ou mesmo uma comunidade descobrir o que, “de fato”, e por que não, “de direito”, eles são.”

Assim, o teste de ancestralidade passa a ser um instrumento que produz noções de conhecimento geográfico, vinculando um ideário cultural e de vivências, como gostos musicais e memórias culinárias, com o DNA e toda a verdade que ele se propõe a revelar. O DNA trata-se de uma molécula que contém todas as informações genéticas de uma espécie, passada entre gerações e moldada pelas características do ambiente em que se vive (GENOMA USP, 2022). Por meio destes testes, a empresa anuncia inadvertidamente que o DNA também varia de acordo com a região geográfica onde o indivíduo ou seus antepassados viveram ao comparar os genes do usuário com o de indivíduos que viveram em um x lugar, e isso por sua vez produz imaginários que vão além das perguntas que estas informações respondem. Os testes de ancestralidade, de forma inerente, passam a produzir comunidades constantemente imaginadas (Anderson, 1983), pois permitem que indivíduos construam narrativas identitárias a partir de uma conexão genética, muitas vezes abstrata e distante, com grupos étnicos ou regiões geográficas.

A *internet*, hoje mais do que nunca, é palco dos maiores volumes de transferência de informações em alta velocidade, onde anúncios de produtos físicos ou virtuais circulam e surgem em nossas *timelines*, o tempo todo. Dessa forma, criadores de conteúdo *online* e todo tipo de pessoa com visibilidade midiática - artistas, influencers, personalidades, divulgadores científicos - realizaram seus testes e divulgaram seus resultados em suas redes sociais. Estas exposições transformam o debate sobre a origem genética em algo que transborda além do universo clínico e científico, tornando-o também um alvo do senso-comum. Assim, a presente pesquisa busca identificar os imaginários sobre pertencimento geográfico que emergem do consumo de vídeos relacionados a testes de ancestralidade genética. Para isso, será realizado um levantamento de

conteúdos online que divulgam resultados desses testes, além de um mapeamento das reações de usuários nas redes sociais quanto aos efeitos percebidos desses resultados. Por fim, a pesquisa documentará os padrões de pensamento de senso comum que orientam a interpretação dos dados obtidos pelos testes, com o intuito de compreender as narrativas populares sobre identidade e ancestralidade.

## 2. METODOLOGIA

Esta pesquisa é parte do projeto de pesquisa “Efeitos dos testes de ancestralidade genética no pertencimento geográfico dos usuários” desenvolvido na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), como um eixo temático a partir das questões gerais. O projeto busca entender como os testes de ancestralidade afetam as noções de um imaginário ancestral do usuário, trazendo à tona questões de origem geográfica, autorreconhecimento racial, pertencimentos e outras formas de relação entre o corpo e os territórios.

Esse estudo tem um caráter quanti-qualitativo, cujo universo de pesquisa são os comentários de vídeos do YouTube com a temática “testes de ancestralidade” - termo esse utilizado inicialmente como palavra-chave para buscar estes conteúdos na própria plataforma. Foram selecionados vídeos que apresentaram maior relevância, número de visualizações e engajamento e que apresentassem pessoas compartilhando resultados de seus testes de ancestralidade. Para além disso, os vídeos selecionados são do tipo *react*, em que o criador grava sua reação a conteúdos de vídeos, músicas ou, nesse caso, testes de ancestralidade. Com base nestes critérios, foi conformada uma amostragem inicial com dez vídeos. Em um momento posterior, foi feito um recorte mais aprofundado em que foram selecionados três vídeos com os comentários que tinham interações mais condizentes com o objetivo da pesquisa.

Desses vídeos selecionados, foram sistematizados 42 comentários que compuseram o corpus principal dos resultados analisados para este trabalho. A partir da sistematização, foram elaboradas três categorias de análise que agrupam interações com teor semelhante, conforme Tabela 1.

**Tabela 1** - Categorias de Análise dos Comentários

Categorias	Descrição
Família	Comentários que reportem que aspectos do teste tiveram efeitos sobre os imaginários de família, pertencimento familiar, genealogia, ancestralidade e etc.
Nacionalidade ou Cidadania	Comentários que reportem dúvidas sobre a influência dos resultados dos testes em pedidos de cidadania para outros países.
Mistura genética	Comentários que utilizem metáforas, hipérboles ou eufemismos para reportar aspectos de miscigenação.

Fonte: organizado pelos autores.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos pontos que se destacam entre a análise dos comentários é a associação entre os resultados do teste de ancestralidade e o direito a uma possível nacionalidade ou cidadania. Em um dos comentários, lê-se: *“Tenho uma dúvida, se eu quisesse obter um passaporte europeu, português ou italiano por exemplo, mas não tivesse um parente próximo (pai ou avô) que fosse desses lugares, um teste de genética desses comprovando sua ascendência europeia seria um ‘comprovante’ para pedir a cidadania de algum país europeu?”* O insistente alinhamento indissociável entre populações e Estados-Nação fica evidenciado neste comentário, que pressupõe uma relação linear entre os dois conceitos. Tal premissa, que de alguma forma é reiterada pelos testes em sua essência, se perpetuaria em um projeto eugênico de nação. “Mas ‘culturas’ e ‘povos’, por mais persistentes que sejam, deixam de ser plausivelmente identificáveis como pontos no mapa.” (Gupta; Fergurson, 2000.)

Outro ponto que se desdobra na análise dos comentários é a ideia das populações como grandes famílias. Um usuário escreve: *“Espanta-me sempre ver brasileiros espantados por serem majoritariamente portugueses. Somos todos família separados por um oceano.”* O comentário traz consigo a ideia de uma comunidade imaginada a partir do argumento de que há um ancestral comum, um “Éden genético” onde tudo magicamente começou, reforçado ao pensar nações distintas como grandes “famílias” (Anderson, 1983). Esse ideário é ressaltado pela natureza dos testes, que ignora o passado destes povos e o caráter colonialista de suas relações, limitando-se apenas a pontuar suas origens de forma questionável.

Sem dúvida, um dos comentários mais importantes e emblemáticos para identificarmos padrões do senso comum sobre imaginários de espaço e população é o de um usuário que escreve o seguinte: *“Se o teste fosse feito com um índio brasileiro, tipo, sem misturas mesmo, aí sim sairia ‘Descendência: Brasileira’ ???”* A premissa de relacionar povos à nações é mais saliente nesse comentário, que tenta ligar uma população anterior e marginalizada ao Estado-Nação brasileiro. O comentário ressalta, também, a visão idealizada do indígena atual, dos povos originários do Brasil, de que são povos isolados e que não tiveram nenhum tipo de contato com os colonizadores. Ou seja, conflita a ideia do Brasil miscigenado com a de pureza racial.

### 4. CONCLUSÕES

A popularização dos testes de ancestralidade genética e seu consumo em massa revelam um alinhamento indistinto entre categorias sociais complexas e frequentemente incorrespondentes, como população, região, cidadania, nacionalidade, família, Estado-nação e origem geográfica. Esses testes tendem a homogeneizar essas categorias, tratando-as como equivalentes e as carimbando com o selo incontestável da genética (Collinge, 2005). Ao fazer isso, reforçam uma narrativa simplificada que associa diretamente traços genéticos a identidades sociais, apagando as nuances históricas, culturais e políticas que as moldam.

Além disso, o tratamento vulgar e muitas vezes leviano de conceitos importantes para as pessoas – como identidade, raça e pertencimento – é legitimado pelo discurso de validade científica. Isso acarreta riscos, uma vez que essas leituras simplificadas dos resultados genéticos podem influenciar

profundamente a construção de subjetividades, moldando a forma como os indivíduos percebem a si mesmos e sua conexão com o mundo. Ao colocar o DNA como uma verdade indiscutível sobre quem somos, esses testes ignoram as camadas de complexidade que constituem as identidades, reforçando noções limitadas e potencialmente prejudiciais sobre o que significa pertencer a um grupo ou região.

Portanto, a utilização indiscriminada de tais testes na internet precisa ser encarada com cautela, visto que a validação científica que eles evocam pode ter efeitos profundos e duradouros na percepção popular sobre identidade e ancestralidade, contribuindo para o reforço de estereótipos e a simplificação de questões sociais e culturais complexas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, B. R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

COLLINGE, C. The difference between society and space: Nested scales and the returns of spatial fetishism. **Environment and Planning D: society and space**, vol. 23, no 2, p. 189-206, 2005.

GASPAR NETO, V. V.; SANTOS, R. V. Biorrevelações: testes de ancestralidade genética em perspectiva antropológica comparada. **Horizontes Antropológicos**, v. 17, n. 35, p. 227–255, jun. 2011.

GENERA. **A crescente demanda por testes de ancestralidade no Brasil**. Genera. São Paulo, 14 fev. 2020. Acessado em 20 ago. 2024, online. Disponível em:

<https://www.genera.com.br/blog/a-crescente-demanda-por-testes-de-ancestralidade-no-brasil/>

GENOMAUSP. **Como o DNA pode determinar as características dos seres vivos?** YouTube. São Paulo, 01 dez. 2022. Acessado em 26 set. 2024, online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MzeoRDSInmg>

GUPTA, A.; FERGUSON, J. Mais além da cultura: espaço, identidade e a política da diferença. In: ARANTES, A. A. (org). **Espaço da diferença**. Campinas: Ed. Unicamp, pp. 31-49.